

Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1953

TRIBUNA DA IMPRENSA

TEATRO

CLAUDE VINCENT

O MIMODRAMA "BARTOLOMEU", EM S. PAULO

DIA 4, às 21 horas, estreava, no Teatro da Cultura Artística de S. Paulo, "O Escriurário", mimodrama baseado em "Bartleby", de Herman Melville, por Luis de Lima, ator português que atuou em Paris antes de ser contratado por Alfredo Mesquita, como professor da Escola de Arte Dramática de S. Paulo. O mimodrama tem arquitetura cênica de Badiá Vilató, pintor espanhol, música de Souza Castro, figurinos de Hércules Barsotti, Vilató e Luis de Lima. Interpretação deste e de 11 alunos dos terceiro e quarto anos da Escola.

Repetimos aqui a história, como foi adaptada por Luis de Lima.

O Notário (L. de Lima), vive em paz, cercado pelos auxiliares Peru (Jorge de Andrade) Tesoura (E. Fontana) e Pé de Moleque (J. Fischer), este, um brincalhão. Os dois primeiros são os antipodas um do outro; Tesoura, irritadico de manhã, amável à tarde; Peru, afável de manhã, sombrio depois do meio-dia.

Premido por excesso de trabalho, o Notário toma um quarto de ~~escriurário~~. Bartolomeu (Geraldo Mateus) figura esguia, soturna, ótimo empregado, incansável, mas que se recusa, sem explicação, a esta ou àquela tarefa, o que abala a autoridade do Notário. Um instante, com a chegada de uma linda viúva (Marly Mendonça), que se vê herdeira do marido, o Notário pensa que poderá sair da rotina, fazendo a côrte a esta. Mas ela some, e ele se vê novamente às voltas com o trabalho e com o problema de Bartolomeu, que vai aos poucos deixando de trabalhar, embora se negue a abandonar o cartório.

Desnortado, o Notário se vê obrigado a mudar-se: Bartolomeu fica. Só a policia consegue levá-lo — para a prisão. O Notário e os colegas vêm visitá-lo, mas não são recebidos. Insistindo, o Notário o encontra de pé, imóvel no pátio. Dirige-se a êle, sem receber resposta. Toca-o de leve — e, como uma árvore que morre de pé, Bartolomeu cai, morto. Respeitoso, o Notário descobre-se.